

## Editorial

### Sobre leituras



Marco Antonio Guimarães da Silva

*“Quando lemos uma boa obra de ficção, descobrimos reflexões nossas que havíamos desprezado; verdades e mentiras que havíamos omitido e um mundo de sentimentos que havíamos desdenhados, e que agora descobrimos com a leitura que fazemos”.*

M. Proust

Depois que me aposentei da UFRRJ, deixei de lado a vida acadêmica e passei a escrever romances. Tinha prometido a mim mesmo, e espalhado aos quatro cantos, que o divórcio que acabara de decretar com a academia seria definitivo. Nada de aceitar convites para julgar teses de mestrado ou doutorado, nada de aceitar convites para dar conferências ou para participar em mesas de congressos científicos. Deveria, entretanto, ter pensado duas vezes antes de fazer a tal promessa, porque, neste segundo semestre, abri exceções e acabei participando de dois grandes acontecimentos da fisioterapia. Um deles, promovido pelo Conselho Regional de Fisioterapia, ocorrido no Rio de Janeiro, e o outro, sob os auspícios da Associação de Fisioterapia Brasileira, em Porto Alegre (20º Congresso Brasileiro de Fisioterapia). Diga-se, de passagem, com excelentes organizações.

Em ambos os eventos, abordei, com um viés diferente, a ambiência relacional entre a literatura ficcional, a educação e a pesquisa em Fisioterapia. Disse, ao começar a minha conferência, que, ao aceitar o convite que me haviam feito, eu sabia que estaria diante do maior desafio que jamais enfrentara na minha vida acadêmica. Desafio maior do que aquele que enfrentei quando fui convidado para fazer uma leitura de um dos meus romances, e falar sobre literatura, para duas grandes instituições de ensino europeias: a Universidade Paris IV/Sorbonne (Paris) e a Universidade de Aachen (Alemanha). Expliquei, à época, que a indulgência que teriam os meus

ouvintes da França e da Alemanha não seria a mesma que a do meu público daqui do Brasil. Isto, porque lá fora sabiam que eu era alguém egresso da área da saúde, que começava a invadir a área literária. Diante deles, fisioterapeutas brasileiros, não haveria espaços para equívocos, já que dediquei 35 anos de minha carreira à investigação dentro dessa área. Desafio aceito, lembrei-me, para resolver a situação, de um conselho que dava aos meus orientandos de doutorado: se querem fazer uma boa pesquisa, aprendam a fazer uma boa pergunta. Elaborei então duas perguntas: Porque que o fisioterapeuta lê pouco? e, Será que o fisioterapeuta lê muito? A aparente contradição entre as perguntas dissipou-se no momento em que expliquei que o fisioterapeuta lia pouco (como todo o brasileiro) a literatura ficcional e lia muito a literatura científica (movido pela constante necessidade de se atualizar). Essas escritas científicas, normalmente, demonstram uma tese para resolver o problema; elas não representam a vida em toda a sua incoerência, como o fazem as escritas criativas. Essas escritas criativas, característica da literatura ficcional, pedem aos seus leitores que experimentem uma solução. Não há nesse tipo de literatura uma fórmula precisa. E aqui poderia estar a relação entre a literatura ficcional e as atividades educacionais e investigativas em fisioterapia; a de levar o leitor a quebrar a barreira do mundo em que vive, penetrar no mundo imaginado pelo autor e, uma vez ali, gerar em si próprio um campo reflexivo. Esse campo reflexivo o ajudaria a fugir do sistema educacional a que fora submetido durante a sua formação, o qual espera que o aluno repita *ipsis litteris* em suas provas tudo que é dito em sala de aula pelo professor.

Não tenho dúvidas de que muitos problemas observados no campo da pesquisa científica relacionam-se à falta de leitura ficcional.